



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de atividade devem confirmar uma boa expansão do PIB no 1T25, com grande peso do setor agropecuário, mas resiliência dos demais setores

- O Banco Central do Brasil divulgou agora há pouco que o índice IBC-Br de atividade econômica cresceu 0,8% em março, acumulando alta de 1,3% no primeiro trimestre do ano.** Como esperado, o crescimento foi liderado pelo setor agropecuário (+6,1%) no trimestre, segundo o indicador. A indústria (+1,6%) e os serviços (+0,7%) também avançaram no período, mostrando uma certa resiliência, apesar do cenário de inflação e juros elevados, mas com sinais de desaceleração em algumas atividades, como apontado nas pesquisas mensais de atividade do IBGE (ainda que com alguma volatilidade nos dados). Dado indica resiliência da economia, e se novos números de atividade vieram nesta linha, mercado poderá colocar em dúvida se a alta do último Copom foi mesmo a última ou se será necessária nova elevação da taxa Selic no próximo encontro. Ainda hoje, a FGV divulga o resultado do Monitor do PIB, outro indicador relevante que busca captar o comportamento mensal do PIB. O resultado oficial do PIB do 1º trimestre será divulgado pelo IBGE no próximo dia 30.
- O Ministério do Planejamento divulga na quinta-feira (22) o Relatório de Receitas e Despesas do 2º bimestre, que atualizará a necessidade de bloqueios e contingenciamentos no Orçamento para o cumprimento da meta fiscal do ano.** O relatório deve reduzir as estimativas de receitas e elevar de despesas obrigatórias, dada a percepção de alguma superestimação no caso das receitas e subestimação entre as despesas na elaboração original do Orçamento. Com isso, pode ficar mais claro qual será o desafio para o cumprimento da meta de déficit primário zero deste ano. Em relação aos descontos irregulares feitos por associações em parte das aposentadorias e pensões pagas pelo INSS, por ora, as indicações são de que o governo não irá fazer nenhuma previsão orçamentária para restituir as pessoas prejudicadas. Contudo, não há dúvida que há um risco elevado para o Tesouro, o de ser chamado a cobrir parte do prejuízo, o que pressionaria ainda mais as despesas deste ano (mesmo que fora das regras fiscais).
- O Banco Central divulga a Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC) com perspectivas para o 2T25.** Após mostrar uma piora sensível das percepções das instituições financeiras sobre as condições de oferta para o mercado de crédito em sua última edição, a PTC deste 2T25 trará uma atualização das perspectivas para o atual trimestre, em um cenário marcado pelo aumento das incertezas no ambiente internacional, fato que pode manter o tom de cautela das IFs. A pesquisa será divulgada na quinta (22), no mesmo dia em que haverá a reunião ordinária mensal do Conselho Monetário Nacional (CMN).
- No cenário internacional, a agenda também está enxuta na semana, com o destaque para os dados de atividade de abril da China, divulgados ontem à noite (18).** A produção industrial e as vendas no varejo desaceleraram seu ritmo de crescimento no mês, no comparativo com o mesmo mês do ano anterior. A indústria cresceu 6,1% (ante 7,7%), enquanto as vendas no varejo subiram 5,1% (ante 5,9%), em meio ao baixo dinamismo da demanda interna, mas principalmente, em função da disputa comercial com os EUA, que tem sido outro vetor negativo para a economia do país asiático neste ano. Neste sentido, hoje (19) à noite, o banco central chinês (PBoC) deve reduzir as taxas prime de juros (conhecidas como Loan Prime Rate) de 1 ano e 5 anos em 0,10 pp, levando os juros para 3,00% e 3,50% aa, nesta ordem.
- Nos EUA e na Europa, destaque para as prévias de maio dos índices PMIs.** Os dados serão divulgados na quinta (22). Atenção para os índices dos EUA, que mostraram piora acentuada desde o início do ano em função das incertezas comerciais. A expectativa é que os indicadores sigam em queda, em especial, na manufatura, que deve entrar em terreno contracionista (abaixo de 50 pts). Na Zona do Euro, o indicador deve se manter relativamente estável, apontando baixo dinamismo da economia do bloco.
- Ainda na Europa, foi divulgada hoje (19) pela manhã a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de abril, que permaneceu estável em 2,2% nos últimos 12 meses.** O resultado pode levar a uma discussão sobre a continuidade do ciclo de flexibilização monetária na região pelo BCE em sua próxima reunião, dado que a inflação se aproxima gradualmente da meta de longo prazo (2,0% aa), enquanto os riscos em torno da atividade seguem elevados.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/mai	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Mar/25	0,4% m/m 2,9% a/a	0,4% m/m 4,1% a/a
19/mai	FGV: Monitor do PIB	Mar/25	-	0,0% m/m 2,7% a/a
22/mai	BCB: Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC)	Mar/25	-	-
22/mai	Reunião do CMN	-	-	-
22/mai	Relatório bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas do Governo	2º bi/25	-	-

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
18/mai	China	Produção industrial	Abr/25	5,7% a/a	7,7% a/a
18/mai	China	Vendas do varejo	Abr/25	5,6% a/a	5,9% a/a
19/mai	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Abr/25 – final	0,6% m/m 2,2% a/a	0,6% m/m 2,2% a/a
19/mai	China	Taxas Prime: 1 ano e 5 anos	Mai/25	3,00% aa / 3,50% aa	3,10% aa / 3,60% aa
20/mai	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Mai/25 – prévia	-16,0 pts	-16,7 pts
22/mai	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Mai/25 – prévia	49,2 pts / 50,5 pts	49,0 pts / 50,1 pts
22/mai	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Mai/25 – prévia	49,9 pts / 51,0 pts	50,2 pts / 50,8 pts
22/mai	EUA	Vendas de casas existentes	Abr/25	2,0% m/m	-5,9% m/m
23/mai	EUA	Vendas de casas novas	Abr/25	-4,7% m/m	7,4% m/m

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Ata do Copom reforça sinais de fim do ciclo de aperto monetário

A Ata da reunião do Copom veio consistente com as indicações do comunicado, que sugerem o fim do ciclo de aperto monetário com a Selic em 14,75% aa. O documento destacou que os efeitos da política monetária já estão sendo sentidos na economia. Ainda assim, uma elevação residual de 0,25 pp não pode ser descartada, mas tal movimento parece depender de uma deterioração do cenário até a próxima reunião.

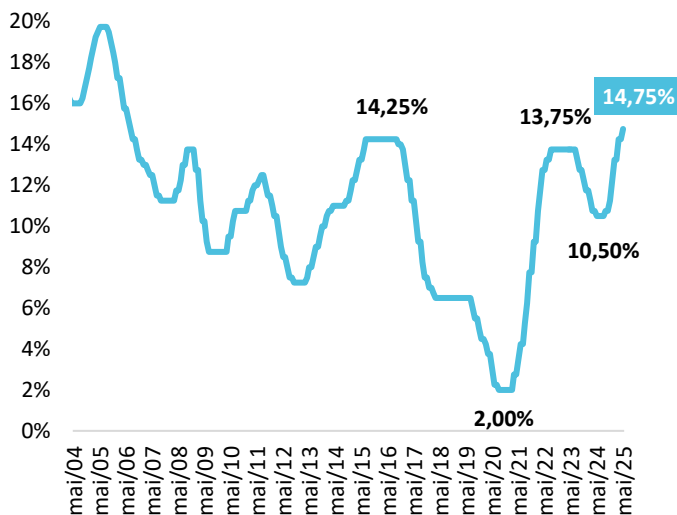
O documento trouxe uma longa discussão sobre o cenário externo e as incertezas trazidas pela atual política comercial dos EUA. O Comitê indicou que o cenário apresenta uma incerteza muito maior, o que já tem afetado as decisões de investimento e consumo. Ainda, indicou que se espera uma desaceleração da economia norte-americana mais acentuada do que até então, e que aumentou o dilema enfrentado pelo Fed, num provável cenário de aumento dos preços e redução do ritmo de crescimento. Em relação à economia brasileira, o documento apontou que ainda é cedo para concluir qual será a magnitude do impacto. Isso porque, embora o país seja um dos menos afetados pelas tarifas, pode ser impactado pelo cenário global adverso.

No cenário doméstico, o Comitê avaliou que a atividade mostra incipiente moderação no crescimento, em linha com seu cenário-base e movimento necessário para convergência da inflação à meta. Em particular, o documento destacou que a política monetária em patamar significativamente contracionista já tem produzido efeitos relevantes sobre o crescimento, com impacto no mercado de crédito, nas sondagens empresariais, no câmbio, nos balanços corporativos, assim como em alguns indicadores de atividade e do mercado de trabalho.

No mercado de crédito, o aperto das condições financeiras e a elevação dos prêmios de risco têm levado a uma desaceleração, evidenciada pelo aumento das taxas de juros, maior seletividade das IFs e redução no ritmo das concessões. Já se observam sinais de inflexão em algumas modalidades, especialmente no segmento PF, em que o maior comprometimento da renda pode estar antecipando uma queda na demanda por crédito. Ainda neste tópico, afirmou que “incorporou em seu cenário-base algum impacto das alterações no consignado privado sobre o crescimento, mas majoritariamente por meio de uma elevação da renda disponível a partir da troca de dívidas.” Adicionalmente, complementou que a medida não deve ser interpretada como cíclica, mas sim, como uma alteração estrutural no mercado.

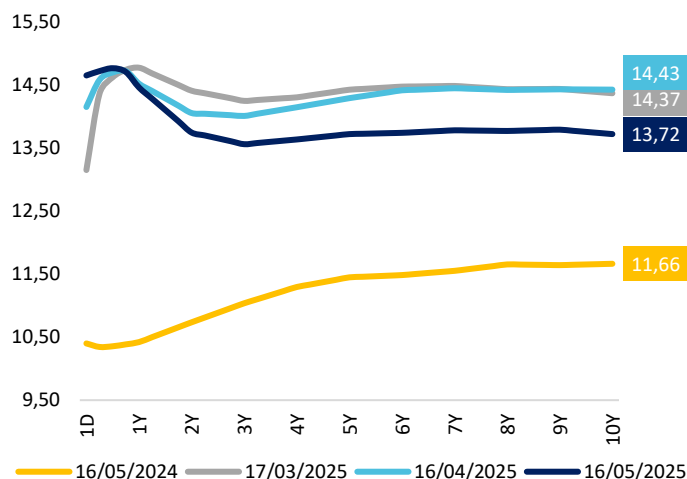
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic – em % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros Futuros - % aa



Fonte: Bloomberg

Com relação à inflação, o Comitê destacou que o cenário de curto prazo segue adverso, com a inflação de serviços, que tem maior inércia, e com os núcleos rodando acima da meta, “corroborando a interpretação de uma inflação pressionada pela demanda”. O Copom também reforçou que a desancoragem das expectativas é um fator de desconforto comum a todos os membros, pois exige uma “restrição monetária maior e por mais tempo do que outrora seria apropriado”. Também trouxe uma discussão sobre o balanço de riscos para a inflação. Segundo o colegiado, o cenário de maior incerteza aumentou os riscos tanto de alta quanto de baixa, gerando dúvida se o balanço ainda está assimétrico no sentido de alta da inflação, mas menos do que anteriormente, ou se já pode ser classificado como neutro.

Por fim, concluiu que o cenário de elevada incerteza, somado ao estágio avançado do ciclo de ajuste e aos efeitos defasados ainda por se materializar, exige cautela na condução da política monetária. Nesse contexto, o Comitê reforçou a necessidade de flexibilidade em seus próximos passos.

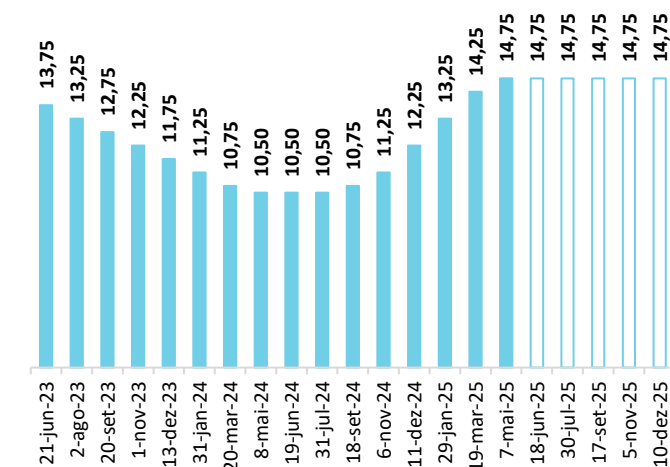
Portanto, o Copom indicou que já tem visto impactos da política de elevação dos juros na economia, sugerindo que o ciclo de alta dos juros chegou ao fim. Contudo, caso haja alguma surpresa negativa até a próxima reunião, o Comitê pode realizar um ajuste final residual. O que parece certo, contudo, é que a taxa básica deverá permanecer em patamar elevado por um período prolongado de tempo.

Em relação à atividade econômica, os dados de março do setor de serviços e do varejo foram positivos, indicando que o consumo das famílias provavelmente seguiu em expansão no 1º trimestre, beneficiado pelo mercado de trabalho aquecido. Contudo, há sinais de perda de tração, que devem se intensificar ao longo do ano, em um contexto de inflação e juros elevados.

O setor de serviços cresceu 0,3% em março, ligeiramente abaixo do esperado (+0,4%) e do resultado de fevereiro (+0,9%). No mês, 3 das 5 categorias pesquisadas mostraram avanço, com destaque para os transportes (+1,7%), impulsionados pelo início do escoamento da safra agrícola. Os serviços prestados às famílias (+1,5%) e profissionais e administrativos (+0,6%) também cresceram em março. Por outro lado, os “outros serviços” ficaram estáveis, enquanto os serviços de informação e comunicação recuaram 0,2%.

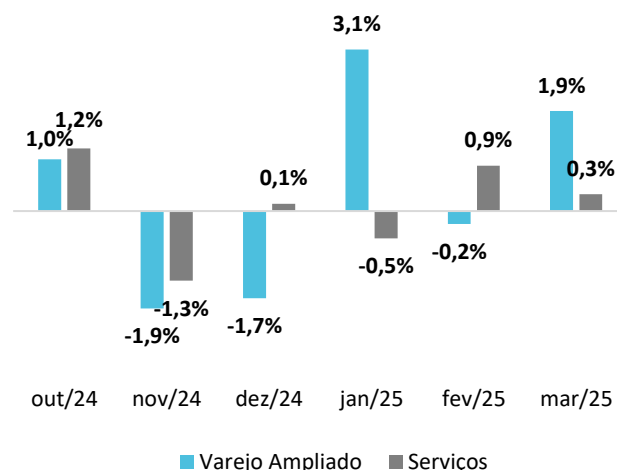
Apesar da alta nos meses de fevereiro e março, o setor de serviços recuou 0,2% no primeiro trimestre do ano, revertendo uma sequência de 7 trimestres seguidos de alta. Destaca-se a queda dos serviços prestados às famílias (-1,1%), após 8 trimestres de crescimento, sugerindo uma moderação do consumo de serviços pelas famílias no período.

Quadro 3: Taxa Selic – Projeção (Focus)
% aa



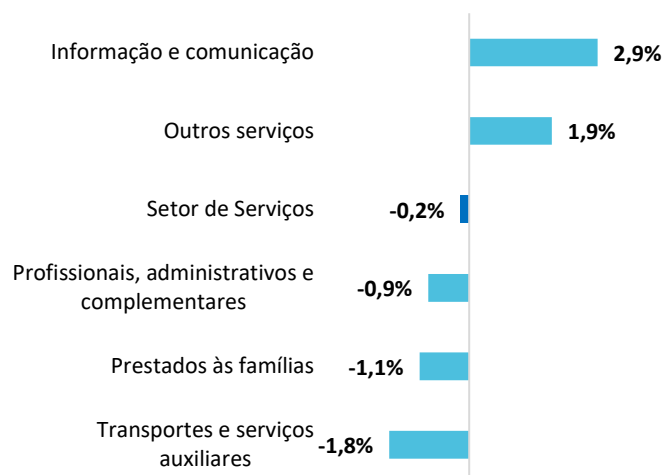
Fonte: BCB

Quadro 4: Serviços e Varejo Ampliado
Var.% Mensal



Fonte: IBGE

Quadro 5: Setor de Serviços (PMS) – Por Atividade
Var.% no 1T25



Fonte: IBGE

Já as vendas no varejo ampliado cresceram 1,9% em março, também um pouco abaixo do esperado (+2,0%), mas mais do que revertendo a pequena queda de fevereiro (-0,2%).

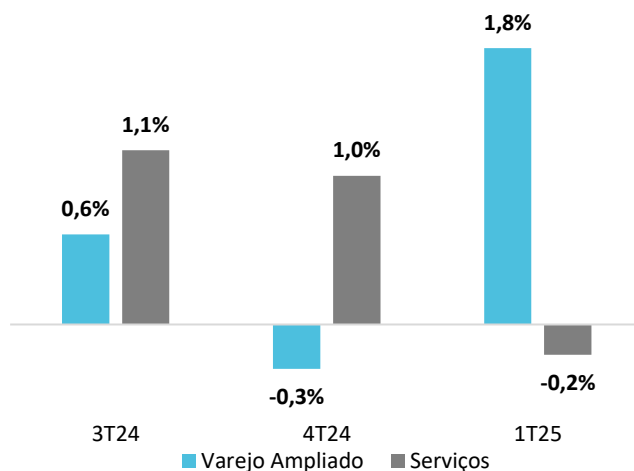
O crescimento das vendas do setor no mês foi disseminado, sendo observado em 8 das 10 atividades pesquisadas, com destaque para a segunda alta consecutiva das vendas em hiper/supermercados (+0,4%), que têm grande peso no setor, assim como de veículos e partes (+1,7%) e artigos de uso pessoal (+1,5%).

Com isso, as vendas no varejo cresceram 1,8% no 1T25, revertendo a queda de 0,3% do trimestre anterior. As principais altas vieram de artigos de uso pessoal (+2,2%), materiais de construção (+1,9%) e artigos farmacêuticos (+1,0%). As vendas nos supermercados também cresceram (+0,3%), mas em nível contido e próximo ao observado no 4T24 (+0,4%). Portanto, diferente do consumo de serviços, que arrefeceu no trimestre, o consumo de bens voltou a crescer, segundo o IBGE.

Sobre a inflação, a FGV apontou que o índice IGP-10 ficou praticamente estável (-0,01%) em maio, bem abaixo das expectativas (+0,19%). A notícia positiva é que os preços no atacado (IPA) voltaram a cair (-0,17%), terceiro mês consecutivo de deflação no segmento, com baixa nos preços industriais (-0,20%) e agropecuários (-0,11%). O resultado foi influenciado pelos desdobramentos no mercado internacional, com queda dos preços de uma série de *commodities* importantes, como do minério de ferro, óleo diesel e milho.

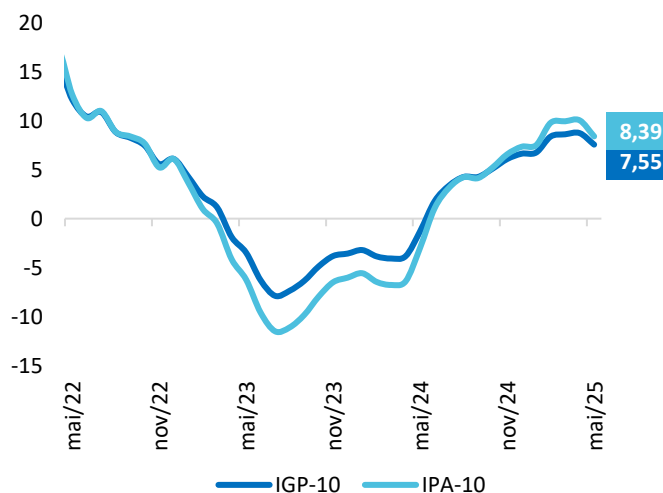
Com isso, após um longo período de aceleração, no qual saiu de uma deflação de 4,07% (acum. em 12 meses) em março de 2024 para uma alta de 8,73% em abril deste ano, o índice mostrou um ligeiro recuo neste mês, desacelerando para 7,55%. O resultado reforça a tese de que os desdobramentos da guerra comercial promovida pelos EUA devem ajudar a conter a atual escalada inflacionária no país, além de ser mais um elemento contribuindo para o fim do ciclo de alta dos juros pelo Copom. Contudo, vale citar que nem todos os preços no atacado recuaram, como o caso das carnes e da soja, sugerindo que a inflação de alimentos deve seguir como um ponto de atenção.

Quadro 6: Serviços e Varejo Ampliado
Var.% Trimestral



Fonte: IBGE

Quadro 7: IGP-10 e IPA-10
Var. % em 12 meses



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Mercados seguem em recuperação com trégua entre EUA e China

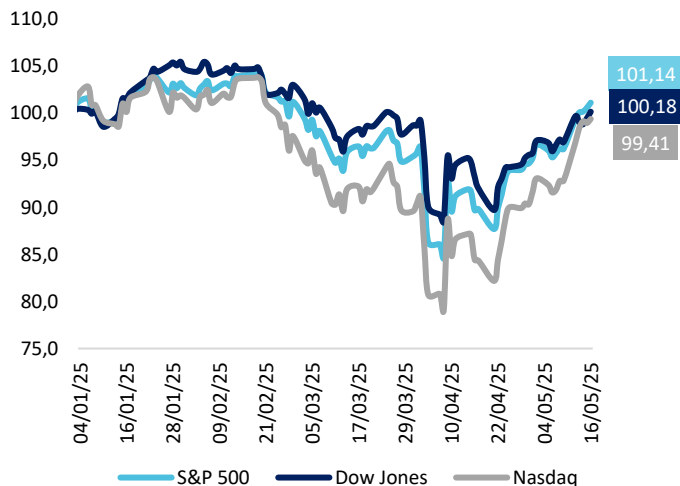
Os principais mercados internacionais mantiveram a tendência de recuperação na última semana, na esteira da trégua comercial firmada entre os EUA e a China, que reduziram temporariamente por 90 dias as tarifas de importação entre os países. Nos EUA, as tarifas de importação dos produtos chineses caíram para 30% (ante 145%), enquanto na China as tarifas foram de 125% para 10%. Contribuiu positivamente também a viagem do presidente Trump para o Oriente Médio, que conseguiu avançar em negociações com alguns países da região (Arábia Saudita, Catar e Emirados Árabes Unidos), que prometeram investimentos nos EUA, especialmente na área de chips e inteligência artificial. Além disso, também há aparentes avanços nas negociações com o Irã, neste caso na área de segurança nuclear.

Na economia, os dados de inflação trouxeram resultados positivos, indicando ainda não haver impacto do aumento das tarifas sobre os preços. O índice de preços ao consumidor (CPI) subiu 0,2% em abril, abaixo do esperado (+0,3%). Em 12 meses, o índice desacelerou para 2,3% (ante +2,4%). No comparativo mensal, destaque para a queda de óleo combustível (-1,3%) e dos veículos usados (-0,5%). Já o núcleo do indicador subiu 0,2% no mês, também abaixo do esperado (+0,3%), mas neste caso, se mantendo estável em 2,8% nos últimos 12 meses. Já os preços ao produtor (PPI) recuaram 0,5% no mês, ante expectativa de alta de 0,2%. A leitura foi puxada para baixo pelos preços de serviços, que parecem estar absorvendo parte do aumento dos preços em função das tarifas, diante das perspectivas mais fracas para a economia dos EUA. Em 12 meses, o PPI atingiu 2,4% (ante 2,5%). Assim, a sensação é que se não fossem as incertezas trazidas pela guerra comercial, haveria espaço para o Fed discutir uma retomada do ciclo de queda dos juros. Porém, no ambiente atual, deve postergar tal decisão.

Quanto à atividade, os indicadores mostraram uma certa estagnação em abril. As vendas no varejo subiram 0,1% no mês, em linha com o esperado, desacelerando bastante após forte alta em março (+1,7%), quando houve antecipação de compras em meio aos anúncios das tarifas. A indústria apresentou estabilidade no mês, também abaixo do esperado (+0,1%). Já o sentimento dos consumidores caiu pelo 5º mês seguido, atingindo o menor nível nos últimos 3 anos.

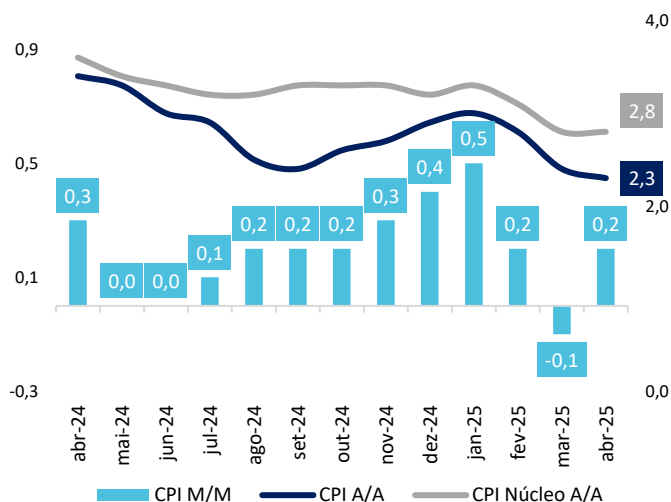
Por fim, na Zona do Euro, a 2ª leitura do PIB do 1º trimestre veio abaixo da prévia. Nesta última leitura, a expansão ficou em 0,3% (ante 0,4% na prévia). Assim, a economia do bloco segue sem dar grandes sinais de melhora.

Quadro 8: Principais Índices Acionários dos EUA
Base 100 = 31/12/2024



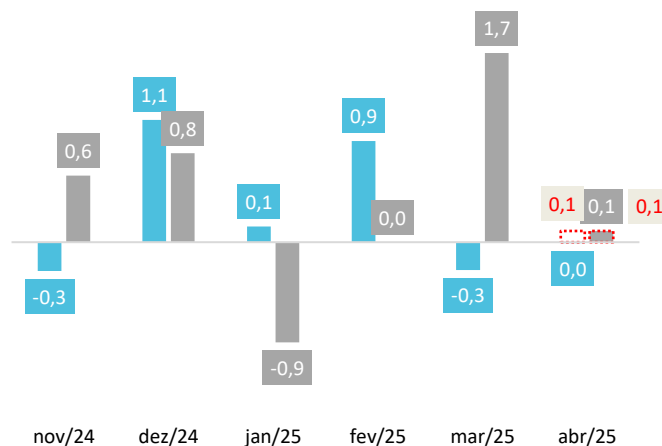
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 1º Tri/25 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 7,4 bilhões no 1º trimestre do ano, abaixo do esperado pelo mercado (US\$ 9,1 bi). O resultado representa uma queda de 23,0% no trimestre e de 20,7% na comparação com o 1º trimestre de 2024. Com isso, o ROE do banco atingiu 16,7%, com quedas relevantes no trimestre (-4,1 pp) e na comparação anual (-5,0 pp). Vale destacar que os comparativos com 2024 foram impactados pela normativa Res. 4.966/21, que entrou em vigor neste ano e ajudou a explicar a queda do resultado da instituição neste 1T25, diante do menor reconhecimento de receitas e aumento de custos.

A piora do resultado ante o 1T24 foi puxada, especialmente, pela alta do custo do crédito (+18,9%), seja por conta da menor recuperação de crédito (-35,3%), maiores descontos concedidos (+12,0%) e aumento da despesa de perda esperada (+10,7%), com piora da inadimplência no BB (principalmente na carteira do agro). Também houve queda (-7,2%) da margem financeira bruta, em função da queda da margem com o mercado (-34,9%), impactada pelo descasamento entre ativos (pré-fixados) e passivos (pós-fixados), refletindo a alta da Selic, assim como o não reconhecimento de R\$ 1,0 bi em receitas com juros de operações de crédito no estágio 3, que agora precisam ser feitas via regime de caixa, segundo a Resolução 4.966. As receitas com prestação de serviços ficaram estáveis (+0,2%), impactadas pelo diferimento das tarifas pelo prazo das operações de crédito (também em função da Res. 4.966). De todo modo, mesmo sem este efeito, as receitas teriam uma alta relativamente contida (+4,5%). Já as despesas administrativas cresceram 7,0% em 12 meses, levando a uma piora do índice de eficiência (+0,9 pp), que ficou em 26,5%.

A carteira de crédito ampliada do BB, que também considera TVMs privados e garantias, atingiu R\$ 1,278 tri no final do 1T25, com alta de 14,4% em 12 meses. Destaque para a carteira destinada às empresas (+22,4%), impulsionada pelos TVMs e garantias (+90,4%), bem como o crédito destinado ao setor público (+21,0%). No caso do crédito destinado ao agronegócio, a alta foi de 9,0%, enquanto o crédito destinado às famílias cresceu 6,6%, liderado pelo crédito pessoal não consignado (+8,8%), consignado (+8,2%) e cartão de crédito (+8,7%), enquanto o imobiliário (+1,5%) e para aquisição de veículos (-19,6%) registraram baixo crescimento ou queda.

A inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 3,9% no 1T25, com alta de 0,5 pp no trimestre e de 1,0 pp em 12 meses. A piora foi disseminada entre as linhas de crédito, mas puxada pelo crédito destinado ao agronegócio, +0,6 pp e +1,9 pp, nesta ordem, cujo índice atingiu 3,0% da carteira, diante do aumento do pedido de Recuperação Judicial pelos agricultores. A inadimplência da carteira PF atingiu 5,1%, subindo 0,4 pp em um ano, enquanto na carteira PJ, o índice subiu para 4,1% (+0,6 pp).

Por fim, o BB apontou que 7,8% de sua carteira é enquadrada no estágio 3 (com inadimplência acima de 90 dias ou operações com problema de recuperação de crédito) e que possui provisões equivalentes a 72,6% do saldo desta carteira.

Quadro 11: Resultado 1T25 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	1T24	4T24	1T25	Var. %		
				Tri	Anual	
ITENS PATRIMONIAIS¹						
Ativo Total	2.305.031	2.433.868		2.420.992	-0,5%	5,0%
TVM	509.865	593.503		523.574	-11,8%	2,7%
Depósitos	822.101	898.994		864.972	-3,8%	5,2%
Patrimônio Líquido	179.021	190.072	184.189	-3,1%	2,9%	
DRE²						
Margem Financeira Bruta	25.734	26.791		23.881	-10,9%	-7,2%
Custo do Crédito	-8.541	-9.263		-10.152	9,6%	18,9%
Despesa de Perda Esperada	-10.000	-10.185		-11.067	8,7%	10,7%
PDD - Recuperação de Crédito	1.991	1.927		1.289	-33,1%	-35,3%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	8.344	9.192		8.361	-9,0%	0,2%
Despesas Administrativas	-8.878	-9.502		-9.496	-0,1%	7,0%
IR/CSLL	-2.379	-2.249		-425	-81,1%	-82,1%
Lucro Líquido Ajustado	9.300	9.580		7.374	-23,0%	-20,7%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE³						
ROAE	21,7%	20,8%		16,7%	-4,1 pp	-5,0 pp
ROAA	1,7%	1,6%	1,2%	-0,4 pp	-0,5 pp	
Índice de eficiência	25,9%	25,6%	26,5%	0,9 pp	0,7 pp	
CRÉDITO						
Carteira de crédito ampliada⁴	1.117.029	1.264.506		1.277.799	1,1%	14,4%
Interna	1.063.281	1.182.094		1.201.889	1,7%	13,0%
PF	314.953	331.833		335.806	1,2%	6,6%
PJ	375.814	452.552		459.885	1,6%	22,4%
Agronegócios	372.514	397.710		406.198	2,1%	9,0%
Externa	53.748	82.412		75.911	-7,9%	41,2%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,8%	0,7%		0,8%	0,1 pp	0,0 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,9%	3,3%		3,9%	0,5 pp	1,0 pp
Índice de Basileia	15,1%	13,8%		14,1%	0,4 pp	-1,0 pp
Provisão Estágio 3 / Carteira Estágio 3	-	-		72,6%	-	-

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²1T25 segue Res. 4.966/21, valores anteriores seguem regulação até 31/12/24. ³Anualizado ⁴Inclui TVM e garantias.

Boletim do Mercado de Capitais da Anbima

CRÉDITO / BANCOS

O mercado de capitais doméstico fechou o mês de abril com captações no valor de R\$ 47,4 bilhões, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. Em termos reais, o valor foi 28,2% menor do que o observado no mesmo mês do ano passado (R\$ 66,0 bi) e 25,4% menor que o volume de março (R\$ 63,5 bi), dando novos sinais de moderação, apesar de seguir trazendo bons números.

Tal desaceleração pode ser verificada no Quadro 13, que traz a variação acumulada em 12 meses das captações. Após atingir crescimento nominal de 74,8% em janeiro, o ritmo de expansão desacelerou para 35,6% agora em abril. O movimento é liderado pelas debêntures, que saem de uma taxa de expansão de 118% para 60%.

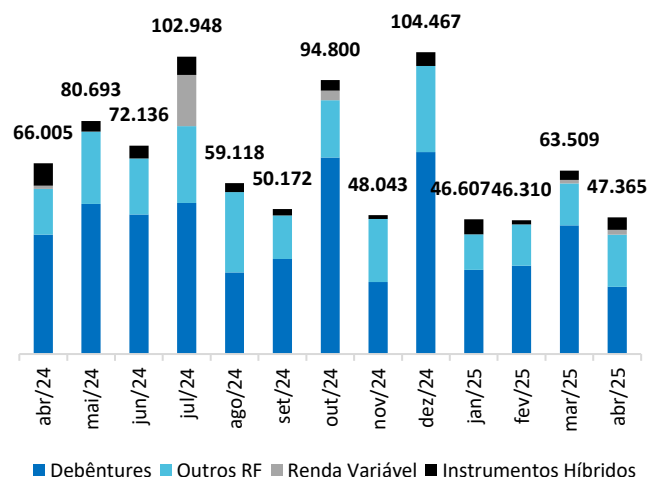
Apesar da desaceleração, as emissões de debêntures seguiram liderando as captações totais no mês de abril, totalizando R\$ 23,3 bi, representando praticamente metade do volume total. De todo modo, o valor representa queda de 43,5% ante abr/24, com dados ajustados pela inflação. Já as captações através dos demais instrumentos de renda fixa subiram 13,3% neste mesmo comparativo, respondendo por 38% do total. Neste caso, a alta foi puxada pelos CRAs (+208,4% ante abr/24) e FIDCs (+64,3%). Assim, os instrumentos de renda fixa responderam por quase 90% do total captado no mês, se mantendo em patamar histórico bastante elevado.

Por outro lado, seguem bastante pontuais as captações via instrumentos de renda variável (*equity*). Em abril, houve apenas uma operação de *follow-on*, da Azul Linhas Aéreas (R\$ 1,7 bi), enquanto os IPOs seguem zerados desde jan/22.

No acumulado do ano, as emissões totais atingiram R\$ 203,8 bi, queda real de 3,1% na comparação com o mesmo período de 2024, mas mais do que o dobro do observado entre janeiro e abril de 2023 (R\$ 94,2 bi). Ante 2024, a queda foi puxada pelos instrumentos híbridos (-36,3%) e demais instrumentos de renda fixa (-9,0%), que mais que compensaram a alta das debêntures (+8,3%).

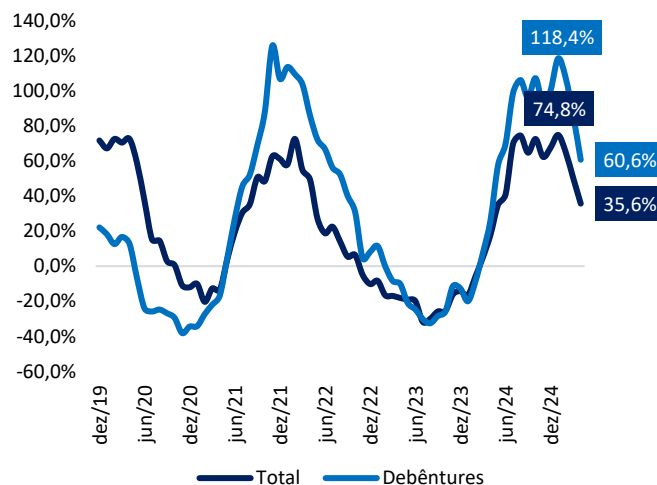
Em resumo, o mercado de capitais segue aquecido, apesar de sinalizar alguma moderação na margem, refletindo o cenário de inflação e juros elevados, além dos sinais de desaceleração da atividade econômica. Tal quadro deve se manter ao longo do ano, levando a um volume de emissões menor do que o registrado em 2024, embora ainda em um patamar saudável. Por outro lado, não há previsão de alteração para o cenário de emissões de *equity* pelas empresas.

Quadro 12: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - R\$ mi – Preços de abr/25 (IPCA)



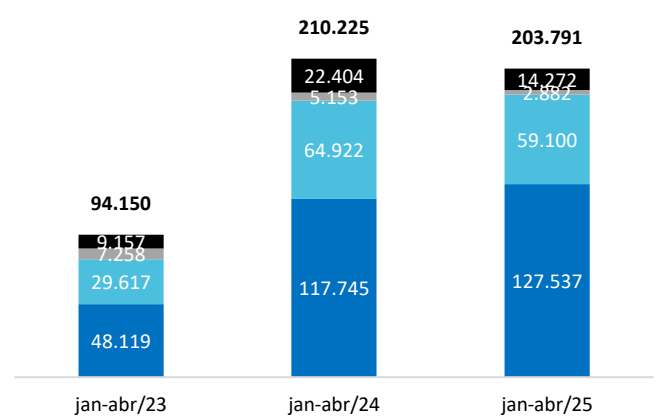
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 13: Captação no Mercado de Capitais Var. % Acum. 12 meses



Fonte: Anbima e BCB. Elaboração: Febraban.

Quadro 14: Volume de captação acum. no ano R\$ mi – Preços de abr/25 (IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Seleccionados	2025				2026			
	16/05/25	09/05/25	17/04/25	Viés	16/05/25	09/05/25	17/04/25	Viés
IPCA (%)	5,50	5,51	5,57	▼	4,50	4,50	4,50	↔
PIB (% de crescimento)	2,02	2,00	2,00	▲	1,70	1,70	1,70	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	14,75	14,75	15,00	↔	12,50	12,50	12,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,82	5,85	5,90	▼	5,90	5,90	5,96	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	16/05/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,67	0,19%	-0,15%	-8,29%	10,44%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	166,11	-6,75%	-7,83%	-22,74%	17,69%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,67	0,05%	1,39%	19,09%	41,20%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,56	-0,33%	0,67%	-5,50%	40,02%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,71	1,91%	-0,05%	-12,09%	19,90%
Índice Ibovespa (em pontos)	139.187,39	1,96%	3,05%	15,72%	8,50%
IFNC (setor financeiro)	15.623,63	-1,45%	3,19%	32,07%	21,61%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,00	2,79%	11,01%	-5,71%	-16,60%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,48	2,25%	7,57%	-1,23%	2,33%
Dollar Index	101,09	0,75%	1,63%	-6,51%	-3,23%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.958,38	5,27%	6,99%	0,87%	12,48%
Índice de ações de bancos – EUA	116,57	4,06%	8,36%	-2,94%	13,93%
Índice Euro Stoxx 50	5.427,53	2,22%	5,18%	11,46%	7,00%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	202,13	3,63%	9,35%	39,06%	36,58%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	65,41	2,35%	3,63%	-12,07%	-21,45%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira